

## INFÂNCIA E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL\*

Marcele Teixeira Homrich<sup>1</sup>

### Resumo

Como memórias de infância estão relacionadas à prática de professoras de educação infantil? – eis a questão norteadora da investigação, que teve na história oral sua principal opção metodológica, sendo considerados aspectos envolvendo evocações de memória. A partir da recolha de depoimentos de três professoras, os mesmos foram analisados à luz de referenciais da psicanálise e de elementos referentes à história da infância. O estudo permite perceber que essa infância vivida no passado, hoje rememorada pelas professoras, é sempre trazida associada a momentos de sua prática, comparando como era antes e como é hoje, como se um desejo de retorno e encontro emergisse de suas palavras.

**Palavras-chave:** memórias; infância; professoras de educação infantil; psicanálise.

O presente texto apresenta idéias e dados a partir de uma pesquisa cujo foco principal centrou-se em questões sobre infância e memórias de professoras de educação infantil. A interrogação desencadeadora do processo investigativo foi assim delimitada: como as memórias de infância estão relacionadas à prática de professoras de educação infantil?

---

\* Artigo derivado da dissertação *INFÂNCIA E MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL*, sob orientação de Beatriz T. Daudt Fischer, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

<sup>1</sup> Marcelle Teixeira Homrich – Rua Marquês Tamandaré, 712, apt 401 – Santo Ângelo/RS.

E-mail: [celehomrich@ibest.com.br](mailto:celehomrich@ibest.com.br)

Telefone: (55) 33142024

Psicóloga, Especialista em Educação Infantil, Mestre em Educação (UNISINOS). Atualmente é professora dos cursos de Pedagogia e Fisioterapia do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo – IESA.

A pesquisa, de natureza qualitativa, teve a história oral como principal procedimento metodológico. Trata-se de uma opção que, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos sujeitos envolvidos. Assim, a história oral não é uma mera recuperação de reminiscências descomprometidas; é, sim, um resgate do vivido; um contextualizar e ressignificar fragmentos de vida no tempo vivido e percebido. O que define a história oral, e a coloca à parte de outros ramos da história, é sua dependência à memória.

Como afirma Amado (1995), as memórias dizem quem somos:

[...] “recordar é viver”, como ensinava o antigo samba. A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo que projeta o futuro; graças a essa capacidade da memória transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo (p.132).

Ao longo do processo investigativo, foram utilizadas entrevistas seguidas de transcrições. Paralelamente às interlocuções, alguns materiais trazidos pelas professoras serviram como meio de evocar suas memórias. Constituíram sujeitos de pesquisa três professoras escolhidas a partir da proximidade da pesquisadora com as instituições às quais as mesmas pertenciam. As categorias de análise emergiram após desdobramentos de leitura e releitura das narrativas, segundo orientações de Szymanski (2004).

Segundo a referida autora, alguns cuidados de análise foram considerados, sendo aqui assim resumidos: a subjetividade da análise, a entrevista em contextos sociais, a análise como processo, registro contínuo, transcrição, texto de referência, transcrever/reviver/analisar e a categorizar.

Tomou-se como ponto de partida as concepções de infância trazidas por Ariès (2006). Igualmente foram apontadas algumas idéias derivadas da história do pensamento pedagógico, como é o caso dos manuais desenvolvidos por Erasmo - *Civilidade Pueril*, e também

apontamentos derivados da pedagogia da ordem religiosa, denominada Companhia de Jesus, através da *Ratio Studiorum*. Adicionaram-se idéias evocadas por Comenius – através da *Didática Magna*, além da tese mais contemporânea de Neil Postman (1999) sobre o suposto desaparecimento da infância.

Parece claro que, em determinado momento da história da humanidade, a infância passa a existir enquanto tal, pois se criam diferenças entre o ser infantil e o adulto. Nomeiam-se fases e especificidades para cada uma delas. Isso se inicia claramente no século dezesseis, onde a infância se cria como um artefato social e não uma necessidade biológica. Os manuais são marcas reais desta criação. Os manuais, livros e escritos sobre “como” deveriam ser tratados os seres “novos” que chegavam ao mundo, determinam ditos e fazeres que apontam para uma separação, que até então não existia.

Mais recentemente, Postman (1999) alerta sobre um possível desaparecimento da infância, posicionando a mídia como nó central desse acontecimento. A acessibilidade indiscriminada de produtos, conteúdos e linguagens, até então proibidas para a infância, hoje chegam de forma rápida e fácil ao mundo infantil. A lógica é: para haver infância são necessárias diferenças entre infância e vida adulta, são necessários supostos saberes que posicionem o ser infantil e ser adulto em diferentes lugares, e a mídia aponta para um afastamento de tal necessidade. Nas palavras de Postman:

Podemos concluir, então, que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, por que não requer treinamento para aprender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público [...].

O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredo evidentemente, não pode haver uma coisa como infância (1999, p.94).

Resgatar os antecedentes históricos da infância é dar voz a diferentes documentos hoje pesquisados e que, em determinados períodos, testemunharam o papel da criança na

sociedade. Reis, padres, professores, pais, mães, vizinhos, gente rica, gente pobre são portavozes da construção da infância no passado e continuam a ser no presente.

O que nos foi deixado como herança de gerações anteriores precisa ser compreendido e analisado, para que os fatos de hoje não sejam concebidos como se estivessem sido criados “no ar”. Existe uma história que permeia a nossa infância atual, e para compreendê-la é necessário dirigir um olhar ao passado, ou seja, “para quem não analisa, o passado vem, muitas vezes, se perder, se mostrar num presente inteiramente presente e aparentemente dado, ou em um bloco anacrônico e fora de uso” (LEFEBVRE apud SILVA JR., 2002). Nesta mesma perspectiva, complementa Silva Júnior:

[...] o passado não é algo dado estático, mas, sobretudo, dinâmico e que se põe no aqui e acolá; não vê-lo e não incorporá-lo significa condenarmo-nos à eternidade de um presente efêmero produzido por uma profusão de signos imagéticos, no qual a existência do ser humano parece existir tão-somente em seu próprio pensamento num momento determinado de seu viver (2002, p.12).

A história, emaranhada em vários significados, dá sentido ao que hoje se tem como infância(s), mesmo que não concordemos com a nossa história, mesmo quando a acusamos por seus efeitos negativos, quando criticamos os equívocos, quando dizemos que nada dela queremos, ainda é nela que estamos atravessados e permeados. Esta negação da história é uma forma, às avessas, de também ser filiado a esta tradição (CORAZZA, 2006).

No desdobramento desta pesquisa, optou-se por dimensões da psicanálise como um dos referenciais para interpretação dos depoimentos colhidos. Para tal, foram considerados o texto Totem e Tabu de Freud, assim como as discussões acerca das relações possíveis entre psicanálise e educação, especificamente complexo de Édipo e docência, trazidas por: Kupfer (2001 e 2007), Lajonquiére (1999), Pereira (2003) e Millot (2001).

Ao escutar as professoras, sujeitos de pesquisa, percebe-se a memória compreendida como atemporal, onde o passado, o presente, e o futuro se mesclam em uma narrativa que é expressa pelas entrevistadas como no tempo presente. O que se viveu na infância, juntamente

com as experiências vividas no decorrer da vida adulta, emaranhadas com as propostas de futuro: aí tem-se como resultado a memória.

Nascidas na cidade de Santo Ângelo, as professoras viveram nos arredores da cidade a sua infância. Elas trouxeram claramente o quanto o lugar onde moravam era tranquilo, sendo esta uma característica, uma marca desta época. A vida das crianças se resumia à escola e o restante do tempo dividido entre os deveres de casa e as inúmeras formas de brincar que tinham ao seu dispor. Praticamente todas as residências tinham quintais, que eram aproveitados à exaustão. Sem contar que as ruas e calçadas eram quase desertas o suficiente para serem usadas como campos de futebol e espaços para outras brincadeiras.

Encontrou-se cada uma das entrevistadas com suas singularidades, com seu jeito próprio de recordar e narrar. Nas histórias contadas pelas três professoras pode-se perceber em comum as suas lembranças sobre a escolha da profissão, as brincadeiras como elemento principal no momento em que se fala em infância, os castigos e as regras como comparativo entre o passado e o presente. Também a prática da professora de educação infantil no passado e atualmente, e a escola recordada como espaço de conquistas – são elementos comuns que emanam nos depoimentos.

A partir da falas, é possível constatar: somos constituídos por muitas pessoas, inicialmente o pais, logo chegam os primos, tios, avós, e assim a lista de pessoas que passam em nossa vida se prolonga. É através destas pessoas que constituímos a nossa identidade, em um movimento de inserção nas regras e normas sociais.

O momento da infância é onde se desenrolam os processos de subjetivação, onde um corpo “enrola-se” no contexto da cultura. A infância é um segundo nascimento do sujeito. O bebê nasce quando é parido do corpo materno e, num segundo momento, nasce para o mundo da cultura, quando começa a ser emaranhado pelos significados do mundo. Essas marcas que propiciam o segundo nascimento dizem de uma história que começa a ser traçada.

Nossa história pode ser pensada metaforicamente como um traço que se encadeia em uma rede de tantos outros que, em determinados momentos se cruzam, formando uma dinâmica. Somos constituídos a partir da história que já existe, de um coletivo, que é social e cultural. Paralelamente somos singulares e únicos, pois a forma que nos apropriamos dessa cultura é definida por nossa subjetividade.

Ferrarotti (1988) conclui que toda práxis humana é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais, “interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio de uma atividade desestruturante-reestruturante” (p.26). Além disso, admitir que a vida humana e mesmo cada um de seus atos se manifesta como a síntese de uma história social:

O nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras e comportamentos. E a história deste sistema esta contida por inteiro na nossa história de vida individual (p.26).

As existências são vividas em contextos culturais, a partir dos quais as histórias de vida são construídas. Quando falamos de nós, falamos de uma organização social, de ditames que revelam uma sociedade que tem muitos anos de história. Estamos sempre envolvidos por dizeres de uma sociedade que influenciam, desde o nosso nascimento, as nossas atitudes e pensamentos.

Nós somos o que fazemos com tudo isso que recebemos da sociedade, isso corresponde à subjetividade, isto que é criado, trazido de “dentro” de nós, e que um dia também será herança. Nesse processo de herdar, recriar e deixar como legado, em um *continuum*:

Conquista-se e reconquista-se o que se herda, para que assim se torne verdadeiramente nossa herança, com a qual faremos outras coisas, diferentes, inéditas, novidadeiras, para também deixá-las de herança àqueles que virão depois de nós (CORAZZA, 2006, p.2).

A presente pesquisa assumiu como principal objetivo perceber como as memórias de infância estavam relacionadas à prática das professoras de educação infantil. Através da escuta das professoras pode-se perceber o quanto a infância rememorada por adultos é um complexo objeto de estudo. Em primeiro lugar é um tempo que já se foi, e hoje é narrado através de um indivíduo que é todo presente. Ou seja, mesmo que o passado e o futuro apareçam nas narrativas como tempos verbais, eles não existem propriamente. O acontecimento foi ou será, mas o que é narrado no momento da entrevista é algo do sujeito naquele momento, com suas experiências de vida e expectativas de futuro.

O que sabemos nós da infância se falamos dela depois de tantas experiências de vida? Provavelmente falamos resquícios do que lembramos, do que misturamos e até do que inventamos. A infância é sempre algo perdido dentro de nós, dentro de nossas memórias. Em outras palavras, somente podemos falar de nossa infância a partir do significado que hoje atribuímos aos acontecimentos do passado.

Através da opção teórica que subsidia a presente pesquisa, atrevo-me a algumas reflexões na tentativa de responder a pergunta central da pesquisa. Minhas considerações não supõem a premissa da “verdade”. Trata-se de idéias produzidas a partir de uma escuta sensível, de pensamentos não conclusivos, mas que permitam abrir novas discussões. Percebi como ponto central da análise o quanto as professoras procuram a sua infância nas infâncias que os alunos hoje vivem. Na sua prática cotidiana deparam-se com a infância de hoje, e assim deparam-se com sua infância perdida. Infância que foi vivida, mas que nunca mais será a mesma e, ao narrarem, sugerem uma tentativa de retorno. Lamentam as diferenças entre o hoje e ontem, e narram suas memórias com saudosismo.

Ao rememorarem, fazem referência ao quanto as crianças de hoje são diferentes, produzindo nelas um tipo de estranhamento. O amor declarado pela profissão, e a escolha da profissão sendo rememorada com brincadeiras de professora na infância, parecem demonstrar

que a professora busca um encontro com aquela infância e consigo mesma. Encontro impossível, pois sua infância está perdida dentro de si mesmo.

Como diz Lajonquière:

Quando um ser velho se depara com uma criança, olha-se nela como se fosse num espelho. Olha, olho no olho, e, assim, pretende que da profundidade desse olhar lhe retorne a própria imagem ao avesso, ou seja, espera ver-se não sujeito à castração, espera voltar no tempo para usufruir até a última gota do que restou da infância “perdida” – o *infantil* (2008, p.13-14).

Essa castração é a possibilidade da inserção das leis, das regras e do laço social. Estar submetido à castração é simbolizar a diferença, é compreender que sempre algo vai faltar, é estar permeado pela proibição da lei do incesto. Ser castrado é compreender as leis simbólicas que permitem laço social, esse é o objetivo da educação.

O adulto investe narcisicamente a criança na esperança, sempre vã, de esgotar esse infantil para, finalmente, saber tudo sobre “sua” infância e, dessa forma, ser um adulto de “verdade verdadeira” - como falam as crianças -, e não simplesmente gente velha. A doce ilusão de um encontro (LAJONQUIÈRE, 2008).

Os saberes dos adultos acerca da infância são sempre pequenos diante de tantos “artefatos” novos que a infância atual “inventa”. Assim, cada vez mais a luta docente é descobrir novas formas “do que fazer com essas crianças?” Quanto mais tentamos nos aproximar mais elas fogem de nós, como em um jogo de pega-pega. Quanto mais corremos atrás dessa infância tão diferente, mais nos distanciamos do que é ser adulto, do que o adulto sabe. O adulto perde a referência de ser adulto, e tenta aproximar-se de algo que é sempre perdido dentro de cada um: a infância.

Parece que desmerecemos o que as gerações passadas ensinaram, perdemos a referência do pai simbolicamente investido e compreendido como lei que rege os laços sociais (PEREIRA, 2008). A desvalorização do passado, compreendido como velho e desgastado e sem poder simbólico algum, impulsiona o saber docente, tanto quanto os saberes técnico-



científicos a buscarem conhecimento sobre o futuro e, acima de tudo, nos que chegam ao mundo hoje, como se deles emergissem as respostas para o futuro. Não é a toa que as crianças de hoje adoram vestir-se de super-heróis.

Para finalizar, é importante trazer à tona o excerto de uma reunião que participei, onde professores municipais estavam envolvidos. A discussão dizia respeito a um projeto realizado pela instituição onde trabalho. Tal projeto tinha por objetivo oferecer aulas extras para as crianças com dificuldades de aprendizagem. Paralelamente às aulas, foram aplicados alguns instrumentos do método clínico piagetiano para analisar a pensamento lógico dos alunos. As atividades foram explanadas para os diretores das escolas municipais de Santo Ângelo, e logo começaram as perguntas em relação às atitudes dos alunos: *“e então, o que devemos fazer?”*. Três professoras começaram a contar acontecimentos das escolas onde trabalham, exemplificando que elas não sabem mais como fazer: *“levamos no conselho tutelar e nada, a promotora também não faz nada, já não sabemos o que fazer.”* Em um determinado momento da discussão, um professor diz: *“se isso fosse na época do meu pai, eu queria só ver. Isso não existiria, o que o professor falava era lei, o que o professor dizia não era questionado”*.

De que lei se fala? Que referência se perde? Se queremos saber mais sobre a infância e esquecemos qual o nosso lugar, o que nos resta? Essa infância perdida em cada um de nós que insistimos em tentar recuperar, esquecendo as diferenças, negando o que nos falta e nos eximindo de assumir lugares: de que mal contemporâneo sofremos?

O que quer uma criança quando ouve um professor? O que quer um professor quando ouve especialistas? O que querem pesquisadores quando escutam sobre infância? Respostas? Acredito que queremos respostas, como crianças que insistem em questionar sobre sexo, e mesmo que as respostas sejam dadas, elas insistem em perguntar cada vez mais. O que esperamos do outro? Respostas para o que nos falta?

No que se refere ao desaparecimento da infância, penso que não há uma resposta definitiva, mas parece haver uma insistência em fazê-la desaparecer. Mas a infância hoje insiste em recriar-se, fazer algo inusitado, algo que foge dos ideais do passado. Quem sabe assumir as diferenças? O que vivemos na nossa infância passou, e o que hoje as crianças vivem é outra infância, talvez num impossível encontro com o que já foi.

Portanto, não podemos concluir se as memórias de infância das professoras de educação infantil tem relação efetiva com suas práticas, pois não sabemos em que momento esse infantil retorna em seu cotidiano pedagógico. Apenas podemos perceber que essa infância vivida no passado, hoje rememorada pelas professoras, é sempre trazida associada a momentos de sua prática, comparando como era antes e como é hoje, como se um desejo de retorno e encontro emergisse de suas palavras.

## **CHILDHOOD AND MEMORIES OF PRIMARY EDUCATION TEACHERS**

### **Abstract**

How are childhood memories related to the practices of primary education teachers? This is the guiding question of the present investigation, which had in the oral history its main methodological option considering some aspects involving memory evocations. Three teachers have given contributions, such as testimonials, which were analyzed according to psychoanalytical references and elements regarding childhood history. The study allows one to realize that the childhood lived in the past, still remembered by the teachers, is always brought along with moments already lived, comparing the past with today, as if a desire of return and re-encounter emerged from its words.

**Keywords:** memories; childhood; primary education teachers; psychoanalysis.

## Referências

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, n.14, p.125-136, 1995.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **Projetos pedagógicos**: a educação integral e os arranjos possíveis. Seminário Nacional “Tecendo redes para educação integral”, São Paulo, 15 a 17 de agosto, 2006.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde; Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.17-34.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro**: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2001.

\_\_\_\_\_. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2007.

LAJONQUIÈRE, Leandro de; KUPFER, M. Cristina(Orgs.). **A Psicanálise e os impasses da Educação: Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI**. São Paulo: USP, 1999.

\_\_\_\_\_. A criança: direito, saberes e o infantil. In: **Caderno de programas e resumos. VII Colóquio Internacional do LEPSI e I Congresso do RUEPSY**. São Paulo: FE-USP, 2008.

MILLOT, Catherine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O avesso do modelo**: bons professores e a psicanálise. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A impostura do mestre. . In: **Caderno de programas e resumos. VII Colóquio Internacional do LEPSI e I Congresso do RUEPSY**. São Paulo: FE-USP, 2008.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Reforma do Estado e da Educação no Brasil de FHC**. São Paulo: Xamã, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, LiberLivro Editora, 2004.

**Data de recebimento:** 02/09/2009

**Data do aceite:** 12/11/2009